

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BÁSTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÔRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.DA
Rua da Fábrica 80
PÔRTO

PROMESSA A ISRAEL

Ouvi-me vós que conheceis a Justiça, vós, povo em cujo coração está a minha lei: não temais o opróbio dos homens, nem vos turveis pelas suas injúrias.

Porque a traça os roerá como a um vestido, e o bicho os comerá como à lã: mas a minha justiça durará sempre, e a minha salvação de geração em geração.

Assim tornarão os resgatados do Senhor, e virão a Sião com júbilo, e perpétua alegria haverá sôbre as suas cabeças: o gôzo e alegria alcançarão, a tristeza e o gemido fugirão.

O exilado cativo depressa será solto, e não morrerá na caverna, e o seu pão lhe não faltará.

Porque eu sou o Senhor teu Deus, que fendo o mar, e bramem as suas ondas. O Senhor dos Exércitos é o seu nome.

Estas duas coisas te aconteceram; quem tem compaixão de ti? a assolação, e o quebrantamento, e a fome, e a espada: por quem te consolarei?

Já os teus filhos desmaiaram, jazem nas entradas de todos os caminhos como o boi montez na rêde.

Eis que eu tomo da tua mão o cálice da vagueação, as fezes do cálice do meu furor; nunca mais o beberás.

Porém pô-lo-ei nas mãos dos que te entristeceram, que dizem à tua alma: abaixa-te e passaremos sôbre ti: e tu puseste as tuas costas como chão, e como caminho, aos viandantes.

RECORDAR É TORNAR A VIVER

Os ideais judaicos e a guerra

«Regra geral as sociedades da natureza da nossa não devem ocupar-se de assuntos da política contemporânea, mas a guerra não é a política no seu aspecto de controvérsia de partidos nem é propriamente um assunto — é mais: é um facto, e um facto terrível que envolve não só a nossa segurança mas ainda a nossa própria existência nacional e que portanto exige todos os esforços conjugados da nação. É por isso um dever impreterível das associações británicas, quaisquer que sejam os seus intuitos, consagrar tódas as suas energias e todos os seus esforços contra a perseguição tenaz da guerra. Tóda a nossa influência sôbre os nossos associados e através dêstes sôbre tódas as comunidades judaicas do Império deve ser empregada com aquêle fim.

Há contudo uma razão especial para que as associações de carácter científico, como esta, tomem uma parte activa na organização da defesa da nação. Esta guerra tem um aspecto à parte que necessita ser tratado pelo homem de estudo. Tivemos no passado, guerras de índole bastante diferente: guerras dinásticas, guerras de religião, outras com o fim de aumento de território e ainda guerras de comércio — mas pela primeira vez nos encontramos a defrontar com uma guerra que tem um carácter moral. É o que encontramos ao aprofundar a questão. Na realidade e na sua essência não se trata dos direitos da Sérvia ou da neutralidade da Bélgica, da hegemonia nos Balcans ou mesmo da Soberania dos mares. São essas apenas manifestações superficiais de um conflito de raízes profundas e de ensinamento moral e político. O povo alemão ou pelo menos uma grande parte dêle deixou-se invadir por uma filosofia que pretende justificar os seus instintos dominadores e ambições e que conseguiu amoldar e dirigir a própria política nacional.

Essa orientação não só é absolutamente irreconciliável com as tendências predominantes na filosofia política da Inglaterra e da França mas é também um perigo para os

interesses vitais de tódas as nações assim como para a paz mundial. É necessário reconhecer a existência desse perigo pavoroso e é necessário fazê-lo compreender pelo público afim de que o esforço da nação esteja em relação com a magnitude do assunto.

O meu fim, nas breves observações que me proponho apresentar, é, não só denunciar o perigo geral da escola prevalecente no pensamento político germânico mas também a incompatibilidade dessa escola com os ideais e ensinamentos judaicos e especialmente o perigo com que ela ameaça as liberdades conquistadas com tanto sacrifício pelas comunidades judaicas.

Essa escola filosófica é devida em parte à actividade demagógica de Treitschke e Nietsche mas as suas raízes profundas encontram-se sobretudo nas «Lições sôbre filosofia da história» de Hegel. Foi Hegel que empreendeu a tarefa de proclamar o Estado coisa absoluta e última na ordem política. Como a segurança do Estado é essencial, êle arguia que o seu atributo principal era a fôrça e como a sua soberania deve ser incompatível com qualquer outra soberania existente a sua função principal era a guerra. Esta opinião foi ampliada e vulgarizada por Treitschke com uma energia e entusiasmo extraordinários na atmosfera profundamente electrisada do Império Alemão criado em 1870. Para êste filósofo o Império Alemão era um Estado superior que não podia admitir rivalidades.

Era pois necessariamente um Estado Militar, visto que era uma fôrça organizada, e o primeiro pensamento e dever de todo o cidadão era preparar-se para a guerra. A guerra não era só necessária para conservar a primasia do Estado alemão, era também como uma medicina enviada por Deus que curava todos os males humanos, físicos ou morais. Desta teoria resultavam muitas conseqüências; duas devem ter sido notadas pela sua importância capital. A primeira era que visto os Tratados com outras nações poderem limitar a soberania alemã, êles não

deviam ser respeitados em tôdas as circunstâncias, e a outra era que, em virtude do poder rival da Grã-Bretanha, esta nação devia ser considerada como a pior inimiga da Alemanha.

É esta, em poucas palavras, a orientação político-filosófica em que a actual geração foi educada. Não teria sido de grandes resultados se, como outras especulações filosóficas, tivesse ficado restringida aos filósofos e aos auditórios das suas classes mas nas mãos de Treitschke converteu-se em credo político. Os seus discípulos fizeram vibrar com elas os bancos das Universidades; serviram de bandeira da Nova Alemanha, de contra-senha do patriotismo alemão e de base psicológica do sistema geral da política alemã. O seu extraordinário resultado prático encontrou a sua expressão literária em em dois livros recentemente publicados, prefácios da guerra actual, que não tratam directamente de especulações filosóficas mas do trabalho prático do Estado Alemão. Um dos livros é a *Germania Imperial*, do Príncipe Von Bulow e outro *A Alemanha e a próxima guerra*, do General Von Bernhardi. Nenhum desses livros poderia ter sido escrito se não tivesse existido um Treitschke para expor e vulgarizar as consequências práticas das doutrinas de Hegel na atmosfera incendiada de nacionalismo do Império Germânico adollescente.

Estas são as origens remotas da guerra actual. Quando Jules Fabre em 1870 perguntava ao Príncipe de Bismarck contra quem dirigia êle a guerra, o chanceler respondia-lhe secamente: «contra Luís XIV»; assim podemos nós dizer hoje que é contra Hegel que fazemos a guerra—felizmente apenas contra uma parte de Hegel.

Se essa teoria é a negação absoluta de tudo quanto os modernos filósofos britânicos, e muito especialmente Beutham e Stuart Mill, ensinam, não o está menos diametralmente oposta ao pensamento, instintos e ideais judaicos. Renan dizia que Israel nunca tinha conhecido «uma forte organização do Estado», mas quer essa observação seja verdadeira ou não, o que é certo é que os judeus com o seu apêgo inquebrantável às coisas do espírito e com o seu profundo individualismo e universalismo, não teriam facilmente abraçado a concepção moderna germânica do Estado militar e sua finalidade.

Para os judeus o Estado foi criado para

o indivíduo e não o indivíduo para o Estado, e isso esclarece muitos pontos da nossa história. Não é possível conceber o judeu aceitando de boa mente a doutrina da necessidade e eternidade da guerra, como princípio estabelecido por Deus, e a idéia do cidadão soldado antes de tudo e acima de tudo. Estas coisas são combatidas radicalmente por todo o ensinamento judaico.

É possível que existam pontos de contacto entre as numerosas notas da escala da civilização germânica e outras civilizações aricas, mas o que certamente não existe é qualquer concordância ou contacto entre a idéia essencialmente pagã de um Deus-guerra e os seus adoradores com o pacifismo irreductível de todos os pensadores judaicos. O super-homem judeu não foi David «o promotor de grandes guerras» cujas mãos manchadas de sangue não foram julgadas dignas de construir o Templo, mas sim Salomão, o sábio, o homem da tranqüilidade e da paz. A resposta do judeu a Treitschke — e perdoe-se-me a aproximação — está contida na vibrante mensagem a Zerubabel.

«Não será nem pela fôrça nem pelo poderio, mas sim pelo meu espírito, disse o Senhor das Hostes!».

Entre os judeus o ideal contido nessas palavras não ficou restringido a uma simples esperança ou anelo; soldou-se aos seus instintos ao calor dessa fornalha incendiada que é a história de Israel.

É por isso que sempre encontramos os judeus da Alemanha militando no campo oposto à política sanguinolento de Treitschke e dos seus. Tôda a política judaica alemã dirige-se contra o militarismo e contra a Reacção, e enfileira-se ao lado do Príncipe Alberto e Stockmar e com os idealistas liberais da chamada escola de Gotha, que queriam a unidade da Alemanha pela fôrça das idéias liberais e repeliam os métodos de fogo e sangue de Bismarck. Boerne, Heine e Riesser foram os pioneiros dessa escola liberal e ainda após o triunfo do sangue e fogo de 1870 tôda a influência judaica germânica com Larker e Bemberger e os não políticos como Berthold Auerbach à sua frente, lutou por arrancar o novo Império das mãos dos reaccionários e da justificação pseudo-científica de Treitschke a respeito do seu barbarismo. Se essa foi a atitude do israelita alemão, qual não deverá ser a do judeu da França e da Inglaterra liberais, no momento actual?

Nós, porém, judeus temos uma outra indicação do vício essencial da doutrina de Treitschke, que é talvez mais convincente do que a incompatibilidade da sua filosofia com a nossa. Tivemos já de sentir os efeitos terríveis das suas más qualidades, porque antes de ter preparado a guerra actual, tinha rompido em guerra contra nós.

Treitschke não foi só o apóstolo do *estado militar* e da *guerra necessária*, foi também em avultada medida um dos maiores agentes provocadores do actual anti-semitismo. Com ele esta qualidade não era excentricidade ou anomalia; era a consequência lógica da sua doutrina, visto que era essencial para a sua concepção do Estado que este fôsse homogéneo debaixo do ponto de vista de raças. O seu sistema não comportava no seu Estado Teutónico ideal um elemento que, além de não teutónico, pretendia colocar a força da idéa moral acima do poder material; que considerava a vida civil como normal, que odeava e a guerra e sonhava e prégava a paz universal dominada por leis internacionais. Foi por estas razões que na realidade veio a fundar-se o moderno movimento anti-semitico. Treitschke e os seus discípulos ganharam efectivamente os seus primeiros triunfos na perseguição e carnificina dos prodromos anti-judaicos russos perpetrados entre 1880 e 1890. Nesta parte da sua doutrina o êxito foi na realidade completo, porque todo o rústico em quem ardia o bárbaro instinto da intolerância religiosa ou do ódio ao judeu exultava com a justificação pseudo-científica que lhe vinha dos filósofos de Berlim e operava em virtude dela. Cremos que a teoria de Treitschke não pode fornecer prova mais convincente do seu carácter essencialmente anti-social.

Os autores do anti-semitismo são os mesmos da guerra actual. Ambos êstes factos são as resultantes lógicas da mesma ordem de idéias bárbaras; são os gémeos hediondos, progenitura de um ensinamento hediondo que busca introduzir os instintos mais baixos da natureza humana no Templo da moderna «Kultur».

Julgo ter dito o suficiente para mostrar que nós judeus da Grã-Bretanha temos um interesse especial em combater a guerra actual com toda a nossa energia e em ver que ela não termine sem o esmagamento absoluto do militarismo alemão. Para o mundo inteiro o militarismo alemão repre-

senta uma ansiedade constante e os encargos tremendos que acarretam os grandes exércitos e as enormes esquadras navais; para o judeu, porém, é a ameaça perpétua aos seus direitos civis e políticos e o seu triunfo representaria disfarçadamente o regresso ao gueto. Parece-me também que na guerra em que estamos empenhados lutamos não só por nós mas ainda por aquela parte da nação germânica que não esqueceu as tradições gloriosas dos seus mais famosos poetas e filósofos e com as quais a causa dos nossos irmãos judeus-alemães está intimamente entrelaçada.

Na emancipação destes, havemos talvez de encontrar o caminho mais seguro para uma paz permanente e também para a felicidade duradoura do próprio povo alemão.

(Discurso pronunciado em Londres, em 7 de Dezembro de 1914, pelo extinto Sr. Lucien Wolf, Vice-Presidente da *Sociedade de Estudos Históricos Judaicos da Inglaterra*.)

Publicado no *Boletim do Comité Israelita de Lisboa* a 16 de Abril de 1916.

Deveres para com Deus

P. — *Como podemos dividir os deveres que temos a cumprir para com Deus?*

R. — Em deveres íntimos e deveres públicos.

P. — *O que é o dever íntimo?*

R. — É o de elevar os nossos pensamentos para Deus, procurar compreendê-lo, respeitá-lo, amá-lo com todas as forças do nosso coração e da nossa alma.

P. — *Porque devemos amar a Deus?*

R. — Devemos amar a Deus porque Deus é bom, e porque devemos amar tudo que é bom e belo, a verdade, a justiça, a misericórdia, a indulgência, numa palavra, a perfeição para a qual devemos dirigir todas as forças da nossa alma.

P. — *Como devemos amar a Deus?*

R. — Devemos amar a Deus como nos dedicamos a um amigo a quem se pode dizer e confiar tudo porque Deus é o nosso melhor amigo e está sempre pronto para nos escutar.

P. — *Podemos facilmente chegar a conhecer Deus?*

R. — Sim, podemos facilmente conhecer Deus, se bem que seja invisível, Deus está em toda a parte. A sua presença revela-se

Os judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 110)

TÍTULO XCIV

Que não façam tornar nenhum Judeu Cristão contra sua vontade

A Comuna dos Judeus da Cidade de Lisboa nos enviaram mostrar uma Carta do virtuoso Rei Dom João meu Avô de gloriosa memoria, de que o teor tal é:

1.º Dom João pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve. A quantos esta Carta virem fazemos saber, que as Comunas dos Judeus dos ditos nossos Reinos por Mestre Mousem nosso Físico e Arrabi Mor dos ditos Judeus, nos mostrou uma letera do nosso Senhor o Papa Bonifacio Nono, bulada do seu verdadeiro sêlo do chumbo, colgado por fios de sirgo vermelho, e amarelo, com figuras de duas cabeças no dito sêlo, com umas letras em cima delas de uma parte, e da outra outras letras, que dizem, *Bonifacio Papa Nono*; a qual letera era escrita em pregaminho, da qual o teor dela, que nós mandamos examinar, e transladar do latim em linguagem da nossa Chancelaria, de verbo a verbo tal é.

2.º *Bonifacio* Bispo servo dos servos de DEUS para ser havida desta cousa memoria para todo o sempre. Porque a nos pertence por nossa Provisão assi dar ajuda a cada um, que o seu direito seja guardado, e sem dano conservado, assi é que nos visto o teor de uma letera do Papa Clemente Sexto nosso antecessor de boa memoria, feita sobre a defesa dos Judeus, bulada sob a Bula do chumbo do dito nosso antecessor, feita segundo costume da Corte de Roma, as quais se começam já a danar, consumir, e romper por velhice, a qual nós fazemos esguardar,

e diligentemente examinar na nossa Chancelaria; e vista e examinada à petição, e instancia dos sobreditos Judeus, em esta nossa letera a fazemos treladar, e de verbo a verbo pôr, da qual letera o teor tal é.

3.º *Clemente* Bispo servo dos servos de DEUS. A todolos verdadeiros Cristãos, que esta letera virem saude, e benção Apostolica. Porque segundo aos Judeus não deve ser dada licença nas suas sinagogas usarem maiores coisas, que aquela, que lhes é outorgado pela Lei, assi em aquelas cousas, que lhes são outorgadas, não lhes deve por nenhuma pessoa ser feito prejuizo algum. E como quer que os sobreditos Judeus queiram durar em sua perfia, e endureamento, e não queiram conhecer as palavras dos Profetas, e as puridades das Santas Escrituras, pelas quais podiam vir à Fé dos Cristãos, e a conhecimento de sua saude; pero quando que nossa defensão, e ajuda demandarem, e a mansidade da piedade dos Cristãos, não lhes deve ser negada.

4.º E Nos querendo seguir as carreiras dos Padres Santos nossos antecessores Papas Calisto, Eugenio, Alexandre, Celestino, Innocencio, Gregorio, Nicolau o Nono, Nicolau o Quarto, recebemos as petições, e querelas dos ditos Judeus, e outrogamos-lhe a defesa, e defensão de nosso poderio. E porem estabelecemos, e mandamos, que nenhum cristão não constranja os ditos Judeus por força, ou contra sua vontade, ou talante a receber o Sacramento do Santo Batismo; e se algum

em tôda a natureza. Em nós mesmos, Deus fala-nos constantemente por intermédio da nossa consciência. Pela consciência, Deus dita-nos os nossos deveres. Escutar a voz da nossa consciência é escutar a voz de Deus.

P. — *O que é o temor de Deus?*

R. — O temor de Deus é o princípio da sabedoria (Prov. 1, 6). O temor de Deus

não consiste em ter medo, mas sim, em venerá-lo e não querer desagradar-lhe e merecer a sua reprovação. Devemos considerar a maior das vergonhas e o maior dos castigos quando Deus desaprova a nossa conduta. E ao contrário devemos considerar como a mais bela recompensa a aprovação de Deus. Merecer a aprovação de Deus é a felicidade suprema.

Judeu por sua vontade fugir para os Cristãos com proposito de receber sua fé, depois que sua vontade fór clara, e publica, então seja feito Cristão sem outra malesa, ou calunia; cá não é de presumir, que aquele Judeu haja verdadeira fé de Cristão, que há a fé dos Cristãos contra a sua vontade.

5.º Outro si mandamos, que nunhum Cristão não fira, nem mate, nem roube de seus dinheiros, ou de seus bens Judeu algum, nem lhes mudem seus costumes sem mandado, e Juizo do Senhor da terra, ou do Reino, ou da Cidade, em que os ditos Judeus morarem.

6.º Outro si mandamos, que nenhum Cristão não torve, nem embargue as festas, e solenidades dos ditos Judeus com armas, ou com paus, ou com pedras, ou por outra qualquer guisa.

7.º Outro si queremos, que nenhum Cristão não constranja Judeu algum, que lhe faça serviço, ou obra por força, salvo aqueles serviços, que eles eram habituados a fazer nos tempos passados.

8.º Outro si querendo tirar, e embargar as maldades, e malezas dalguns Cristãos, mandamos, que nenhum Cristão não brite, nem mingue os cemitérios dos Judeus, nem cave em eles, desaterre os corpos já soterrados, por dizer que quere aí buscar ouro, ou prata, ou dinheiros.

9.º E mandamos, que se algum Cristão, depois de ir sabedor do teor destes nossos mandados, contra eles quizer vir, e que DEUS não queira, perca sua honra, e seu Officio, se o houver, ou seja ferido de sentença de Escomunhao, salvo se logo seu peccado correger com digna, e boa satisfação.

10.º Pero queremos, que aqueles Judeus hajam aquela guarda, e detenção deste nosso privilegio que não andarem, ou não mingarem alguma cousa contra a fé dos Cristãos Dante em Avinhão tres nonas de Julho do sexto ano do nosso Pontificado.

11.º E nós inclinados às petições dos ditos Judeus, e às sobreditas leteras, e privilegios, e teor deles, por nossa Autoridade Apostolica enovamos, e damos-lhe autoridade, e ajuda, e defendimento. Pero por esta não entender dar a nenhuma pessoa direito algum de novo, mas somente queremos conservar, e guardar o antigo uso. E mandamos, que não seja nenhum tão ousado, que vá contra esta nossa carta de

enovação, e vontade, e confirmação, quebrando-a, ou por ousamento sandeu a ela contradizendo; e se algum fizer o contrario, ou tentar para o fazer, seja certo, que haverá a sanha, e a maldição de DEUS, e de Sam Pedro, e de Sam Paulo, seus Apostolos. Dada em Roma ante Sam Pedro a dous dias de Junho no ano primeiro do nosso Pontificado.

12.º E disse-nos, que por quanto era posta defesa pelos Reis, que ante nós foram, que nenhum sem sua carta não publicasse nenhuma letera, que nos pedia por mercê por si, e pelas ditas Comunas dos ditos Judeus, que por nossa autoridade lhe madassemos dar o trelado dela sob nosso sêlo, e mandassemos aos Tabliães, e Justiças dos ditos nossos Reinos, que sem embargo da nossa defesa, a publicassem, e lha mandassemos guardar, como ela é conteudo.

13.º E nos vista a dita letera, como era sã, e sem antrelinha, nem outro vicio, nem rasura nenhuma e por ser melhor, e mais especificada, e declarada, de publicar a alguns Tabliães, que latim não sabem: Temos por bem, e mandamos a qualquer Tablião de nossos Reinos, a que a dita letera, ou esta nossa Carta for mostrada, que a publiquem nas audiencias, e praças, e em outros lugares quaisquer, perante quaisquer Juizes, e Justiças, assi ecclesiasticas, como sagrães, que lhes for requerido, e dêem testemunhos destas publicações, se lhes forem pedidos e demandados da parte das ditas Comunas, e Judeus, sob seus sinais, sem embargo das nossas defesas, e Ordenações, que sobre tal razão são feitas.

14.º E mandamos a todos Juizes, e Justiças dos ditos nossos Reinos, que lha fação cumprir, e guardar como em ela é conteudo, e lhes não vão nem consentam a nenhuma pessoa, que lhes contra ela vá em nenhuma guiza que seja unde al não façades.

Dante na Cidade de Coimbra a dezassete dias de julho. El-Rei o mandou por Lourence Anes Fogaça seu Vassalo, e Chanceler-Mor. Gonçalo Anes a fez Era de mil quatrocentos e trinta anos.

15.º A qual Carta mandamos que se guarde por Lei, assi como ela é conteudo.

Visado pela Comissão de Censura

Os deveres públicos, cultos e cerimónias

P. — *O culto público é necessário?*

R. — O culto público é necessário para traduzir os nossos sentimentos, assim como a palavra é necessária para exprimir os nossos pensamentos. Sem culto arriscávamos os nossos sentimentos religiosos a ficarem inertes enquanto que o culto torna-os vivos e expressivos.

P. — *O que é a reza?*

R. — A reza é uma necessidade da nossa natureza; é a expansão da alma para com Deus. Quando rezamos comunicamos, falamos por assim dizer com Deus.

P. — *Há muitas maneiras de rezar?*

R. — Há duas maneiras de rezar, a reza íntima e a reza em público. A reza íntima não está impressa em nenhum livro e não está formulada sobre nenhum texto; é a meditação do nosso coração. Assim para aquêle que sofre as lágrimas que verte perante Deus são como uma reza. A reza em público é aquela que se faz com uma reunião de fiéis. Essas rezas são chamadas o Rito e são sempre ditas por um Hazan que é o intérprete dessa assembléa.

P. — *A reza é necessária a todos?*

R. — Sim a todos é necessário a reza: Ao que é feliz, porque o homem feliz deve agradecer a Deus a sua felicidade, ao infeliz, porque o infeliz necessita implorar o socorro de Deus; ao pecador, porque deve pedir perdão dos seus pecados; ao virtuoso, porque deve pedir a fôrça necessária para resistir às más tentações e de se conservar no bom caminho.

P. — *Como é que devemos rezar?*

R. — Devemos rezar com recato e sinceridade; o nosso porte deve ser respeitoso e os nossos fatos aseados e decentes.

P. — *Quais são as horas determinadas para rezar?*

R. — E'-nos ordenado rezar três vezes por dia, de manhã, de tarde e de noite.

P. — *Qual é a reza que um israelita tem obrigação de dizer de manhã e de noite?*

R. — E' a Shemá (Deut VII, 4 a 9).

P. — *Dizei a Shemá.*

R. — Escuta, Israel, o Eterno é o nosso Deus, o Eterno é um. (Abençoado seja para sempre o nome do seu reino glorioso). Amarás o Eterno teu Deus, com todo o

teu coração, com tôda a tua alma e com tôdas as tuas fôrças. Que as palavras que eu te ordeno hoje sejam gravadas no teu coração. Falarás delas quer estejas em tua casa quer em viagem, quando te levantares e quando te deitares. As ligarás como sinal sobre a tua mão e sobre a tua testa, e as escreverás nos humbrais da tua casa.

P. — *O que é a mezuzá?*

R. — A mezuzá é um pequeno estôjo que encerra a Shemá. Coloca-se a mezuzá à entrada da nossa casa. Ao vê-la quando entramos ou saímos da nossa casa, devemos lembrar de Deus, porque devemos pensar em Deus fora da nossa casa, na nossa vida pública assim como na nossa vida íntima.

P. — *O que é o Sisit?*

R. — O Sisit constitui também um sinal para nos lembrarmos de Deus. No terceiro parágrafo da Shemá, é-nos recomendado o colocar nos nossos fatos um sinal visível, uma franja de côr. «E quando vós virdes este sinal vos lembrareis dos mandamentos de Deus e os cumprireis e não vos deixareis seduzir pelas paixões dos vossos corações e dos vossos olhos. (Números XV, 39).

P. — *O que são os tefilin?*

R. — Os tefilin contêm quatro capítulos do Pentateuco e devemos tê-los postos durante a reza da manhã nos dias de semana no braço esquerdo ao lado do coração e sobre a testa centro do nosso pensamento.

P. — *Depois da Shemá qual é a nossa reza principal?*

R. — A nossa reza principal depois da Shemá é a reza chamada o Shemoné-Esré, que compreende dezanove bênçãos.

P. — *As bênçãos de que se compõe o Shemoné-Esré são as mesmas para o Sábado e para os dias festivos?*

R. — As três primeiras e as três últimas só se dizem em dias festivos, as outras treze são substituídas por uma bênção especial, relativa à solenidade do dia.

P. — *Quando é que se deve dizer as rezas chamadas Mussaf, Kal Nidré e Neilá?*

R. — A reza do Mussaf ou reza suplementar diz-se nos Sábados, nos dias festivos e em Rosh-Hodesh; as rezas chamadas Kal Nidré e Neilá formam o princípio e o fim da cerimónia do dia de Kippur.

Calendário Israelita

Ano de 5703

(Tem 13 meses lunares)

- 1.^a lua (Tishri) — 30 dias
dia 1 — 12 de Setembro de 1942.
- 2.^a lua (Heshvan) — 29 dias
dia 1 — 12 de Outubro de 1942.
- 3.^a lua (Kislev) — 29 dias
dia 1 — 10 de Novembro de 1942.
- 4.^a lua (Tebet) — 29 dias
dia 1 — 9 de Dezembro de 1942.
- 5.^a lua (Shebat) — 30 dias
dia 1 — 7 de Janeiro de 1943.
- 6.^a lua (Adar) — 30 dias
dia 1 — 6 de Fevereiro de 1943.
- 7.^a lua (Veadar) — 29 dias
dia 1 — 8 de Março de 1943.
- 8.^a lua (Nissan) — 30 dias
dia 1 — 6 de Abril de 1943.
- 9.^a lua (Yiar) — 29 dias
dia 1 — 6 de Maio de 1943.
- 10.^a lua (Sivan) — 30 dias
dia 1 — 4 de Junho de 1943.
- 11.^a lua (Tamuz) — 29 dias
dia 1 — 4 de Julho de 1943.
- 12.^a lua (Ab) — 30 dias
dia 1 — 2 de Agosto de 1943.
- 13.^a lua (Elul) — 29 dias
dia 1 — 1 de Setembro de 1943.

(Este ano tem 383 dias)

Dias festivos do ano 5703

Rosh Ashana — 1.^o dia — 12 de Setembro de 1942.

Rosh Ashana — 2.^o dia — 13 de Setembro de 1942.

Kipur — 21 de Setembro de 1942.

Sucot — 1.^o dia — 26 de Setembro de 1942.

Sucot — 2.^o dia — 27 de Setembro de 1942.

Hoshana Raba — 2 de Outubro de 1942.

Shemini Asseret — 3 de Outubro de 1942.

Simhá Torá — 4 de Outubro de 1942.

Hanuca — 1.^o dia — 4 de Dezembro de 1942.

Hanuca — 8.^o dia — 11 de Dezembro de 1942.

Purim — 21 de Março de 1943.

Pesah — 1.^o dia — 20 de Abril de 1943.

Pesah — 2.^o dia — 21 de Abril de 1943.

Pesah — 7.^o dia — 26 de Abril de 1943.

Pesah — 8.^o dia — 27 de Abril de 1943.

Shabuot — 1.^o dia — 9 de Junho de 1943.

Shabuot — 2.^o dia — 10 de Junho de 1943.

Jejuns em 5703

Assasínio de Quedaliá — 14 de Setembro de 1942.

Kipur dia de Expição — 21 de Setembro de 1942.

Cêrco ao Templo — 18 de Dezembro de 1942.

Jejum de Esther — 18 de Março de 1943.

Tomada do Templo — 20 de Julho de 1943.

Destruição do Templo — 10 de Agosto de 1943.